

Análise funcional da construção conectora contrastiva *ômas olhaô*

Ivo Costa Rosário¹Vania Rosana Mattos Sambrana²

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal investigar o uso da construção conectora *ômas olhaô* no âmbito das relações discursivas do português contemporâneo. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, com apoio na Gramática de Construções e nos estudos de coesão textual, analisamos ocorrências de *ômas olhaô* pelo prisma da construcionalidade, em perspectiva sincrônica, como demonstrado em Rosário e Lopes (2019). Os dados são captados em blogues brasileiros do século XXI. Por meio de metodologia qualitativa, a análise dos contextos de uso permite a conclusão de que essa construção conectora foi formada por meio de *chunking* e de neoanálises sintática e semântica a partir de dois marcadores discursivos pré-existentes. No português, *ômas olhaô* revela-se como um conector marginal, tendo em vista suas propriedades de uso no contexto de relações macrossintáticas, que extrapolam o âmbito do tradicional período composto. Em termos funcionais, atua na coesão sequencial entre proposições no campo das relações contrastivas, especialmente no nível do *modus*.

Palavras-chaves: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção conectora contrastiva. Mas olha.

Considerações iniciais

Este artigo propõe-se a investigar a construção conectora *ômas olhaô*, responsável por estabelecer relações coesivas contrastivas no plano textual ou discursivo. Partimos da premissa de que o conjunto de conectores³ responsáveis por estabelecer relações coesivas, tanto no nível da sentença quanto em outros níveis, é muito mais complexo e multifacetado do que nos fazem supor as tradicionais listas de conjunções coordenativas e subordinativas das gramáticas normativas do português.

¹ Docente de Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Líder do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações do Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rosario.ivo3@gmail.com. ORCID iD: 0000-0003-1315-6787

² Graduada em Letras Mestra e doutoranda em Estudos de Linguagem Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: v_rosana@oi.com.br. ORCID iD: 0000-0002-0593-4262

³ Assumimos o termo *conector* em uma acepção mais ampla que *conjunção* ou *conectivo*. Segundo Souza (2008), em um sentido mais abrangente, *conector* designa quaisquer expressões linguísticas utilizadas para ligar segmentos maiores ou menores do texto/discurso, estabelecendo relações semânticas diversas. Em determinados casos, esses elementos determinam a orientação argumentativa dos segmentos que introduzem. Além disso, os conectores podem ser representados por palavras gramaticais, por palavras lexicais ou por outras unidades linguísticas, como é o caso da construção conectora contrastiva *ômas olhaô*.

O campo da conexão em língua portuguesa é, de fato, bastante vasto, mas ainda carece de estudos, especialmente quando focalizamos outras instâncias distintas do tradicional período composto, como é o caso do nível da macrossintaxe (cf. RODRÍGUEZ, 2017). Afinal, muitos conectores servem a funções mais gerais no discurso, no sentido de que conectam porções que vão além do campo oracional *stricto sensu*.

Nesse grande campo de estudos, dentre muitas outras, está a construção conectora contrastiva *õmas olhaö*, eleita para esta investigação. Essa construção pode ser caracterizada, nos termos de Oliveira e Sambrana (2018), como um marcador discursivo (doravante MD) com função coesiva, sendo empregada especialmente para indicar relações macrotextuais.

Filiando-nos a uma abordagem construcional da gramática, defendemos que *õmas olhaö* é uma construção, no sentido de que é um pareamento de forma e significado, nos termos de Croft (2001), Goldberg (1995; 2006), Traugott e Trousdale (2013) e Rosário e Oliveira (2016). Dessa forma, em coerência com a perspectiva teórica adotada, consideramos que o MD *õmas olhaö* pode ser compreendido como um nó pertencente à atual rede dos conectores do português, responsável por integrar segmentos textuais. Por esse ponto de vista, propomos que a investigação seja encaminhada pelo prisma sincrônico da construcionalidade, como será explicitado em mais detalhes nas próximas seções deste artigo.

A combinação de partes do discurso é possibilitada pelo fenômeno da coesão, que vai muito além do papel desempenhado pelas conjunções prototípicas do português. De fato, como tem sido reiterado na literatura sobre o tema, os marcadores discursivos também podem colaborar com o papel de unir porções diversas, em uma situação que pode ultrapassar o nível do período (cf. SCHIFFRIN, 1987, p. 152). Assim, dizemos que *õmas olhaö* desempenha um papel conector menos canônico, tendo em vista que seu uso extrapola o nível do período composto (ou da oração complexa), atuando nas relações macrossintáticas.

Vejamos um primeiro dado de *õmas olhaö* com função conectora:

- (1) Ele ser Gay ñ muda o fato de ser o amor de a minha vida, ñ sei se um dia ficaremos juntos de verdade... mas se hover 1 % de chance os outros 99 eu tenho de esperança. Espero q tds fiquem bem... assim como espero e acredito que viverei intensamente esse amor impossível... e de verdade.. ñ ligo se ele tiver outro... oque vai contar é oque ele é qdo está com mim. Isso sim me importa. Preciso de pessoas pra conversar.. se quiserem.. **mas olha...** de ser criticada eu já tô cheia... se ñ podem ajudar ñ estrovem. Garota, vou ser franca com vc! Estou passando por uma situação semelhante, fiquei muito amiga de um rapaz maravilhoso e mulherengo aliás. A gente se

aproximou demais. Cada momento junto é um sonho. Outro dia, fiz uma surpresa prá ele, e ele ficou louco, me declarou que cada momento com mim é único, que sou maravilhosa e me adorava demais. Mas como ele não fêz menção de namorar.

(Fonte: <http://amelhordasintencoes.wordpress.com/2009/08/31/quando-me-apaixonei-por-um-gay-i/>. Acesso em 10/05/2020)

Em (1), õmas olhaö ilustra o objeto de investigação deste artigo. Trata-se de um marcador discursivo que cumpre o papel de conector no nível textual, ligando duas partes que traduzem pontos de vista opostos. Em um primeiro momento, a enunciadora diz: õPreciso de pessoas pra conversar... se quiseremö. Após õmas olhaö, a falante diz: õde ser criticada eu já tô cheiaö. Como está claro, cria-se um contraste no plano discursivo, o que pode ser captado, inclusive, por meio de pistas lexicais (pessoas para conversar vs. ser criticada), que denotam duas experiências que se contrapõem, já que a primeira é considerada positiva e a segunda, negativa. O uso do MD õmas olhaö, portanto, prepara o ouvinte ou o interlocutor, indicando que o falante ou enunciador reorientará o discurso para um outro ponto de vista oposto ao já enunciado.

Na literatura, há outros estudos que reforçam o papel conector de alguns marcadores discursivos. Por exemplo, no campo da língua espanhola, Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4093) consideram esses elementos de dupla função como conectores extraoracionais. Vejamos:

Um conector é um marcador discursivo que vincula semântica e pragmaticamente um membro do discurso com outro membro anterior. O significado do conector proporciona uma série de instruções que guiam as inferências obtidas pelo conjunto dos membros relacionados. [...] De acordo com seu significado, se distinguem três grupos de conectores: ðconectores aditivosð que unem um membro anterior com outro de mesma orientação argumentativa; ðconectores de causalidadeð que conectam uma consequência com sua causa; e ðconectores contra-argumentativosð que anulam ou atenuam algumas das conclusões inferidas anteriormente.

Os autores espanhóis defendem que os marcadores discursivos podem veicular as noções de adição, causalidade e contra-argumentação. Com base em dados do português, este artigo endossa a proposta dos teóricos espanhóis ao apontar a existência de marcadores discursivos do tipo contrastivo. Esses elementos linguísticos são utilizados no texto como

responsáveis por enlaçar enunciados que expressam proposições com sentidos opostos, como foi ilustrado em (1), o que seria muito próximo aos chamados conectores contra-argumentativos citados por Martín Zorraquino e Portolés (1999).

Após estas considerações iniciais, o artigo apresenta outras seções que se destinam a explorar analiticamente o papel funcional de *õmas olhaõ*. Na seção seguinte, aprofundamos um pouco mais os pressupostos teórico-metodológicos enunciados nesta primeira parte do trabalho. Em seguida, exploramos o conceito de coesão, especialmente com base em Marcuschi (1986; 2012), Koch (2009; 2013) e Halliday e Hasan (1976). Em seguida, resgatamos as reflexões realizadas e sumarizamos os traços da construção conectora contrastiva *õmas olhaõ*, que é o foco deste artigo. Por fim, apresentamos algumas considerações finais e as referências bibliográficas.

Pressupostos teórico-metodológicos

Este artigo está baseado na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU). Essa vertente teórica conjuga pressupostos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva, especialmente pelo viés da Gramática de Construções (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Trata-se, portanto, de uma linha de investigação que descreve os usos linguísticos como realizações concretas da língua, à luz de processos cognitivos de domínio geral (cf. BYBEE, 2016). Esse é o motivo para a LFCU também ser chamada Linguística Cognitivo-Funcional. Afinal, os usos concretos da língua são considerados como projeções de processos conceptuais de caracterização do mundo físico e social.

Nas palavras de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 20), a LFCU considera a língua como *õum sistema adaptativo complexo*, uma estrutura fluida constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas. Assim, aspectos mais estáticos convivem com traços dinâmicos, o que sempre envolve variação e mudança em curso, com expansões semânticas, pragmáticas e categoriais. Logo, para a LFCU, a língua é um objeto dinâmico, nunca totalmente estático em sua natureza. É justamente esse caráter maleável que permite o surgimento de novas construções, como é o caso de *õmas olhaõ*.

A Gramática de Construções (doravante GC), por sua vez, constitui-se como um importante modelo para apoiar a abordagem teórica da LFCU, visto que mobiliza princípios cognitivos gerais para a explicação de fatos linguísticos. No âmbito da abordagem construcional, Bybee (2010) descreve o léxico como um grande inventário de construções, criado coletivamente para cumprir objetivos sociocomunicativos. Os eventos de uso têm o papel de modificar esse grande inventário, especialmente por meio de expansões.

Na perspectiva da LFCU, a unidade básica da gramática é a construção. Teoricamente as construções são dotadas de dois polos: o polo da forma, que se compõe de elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos; e o polo do sentido, composto de componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Neste trabalho adotamos mais especificamente a noção de construção cunhada por Goldberg (2006, p. 5):

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente previsíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente⁴. (GOLDBERG, 2006, p.5, tradução livre)

Nessa definição de Goldberg (2006), há um refinamento do conceito de construção, sensivelmente distinto do apresentado em obra da mesma autora em 1995. De fato, nessa definição supra apresentada, reconhece-se que também os padrões armazenados totalmente previsíveis são igualmente construções, e não só aqueles não composicionais. Com isso, alguns arranjos morfossintáticos com algum nível de transparência semântico-pragmática também podem alcançar o status de construção na língua.

De modo pioneiro no Brasil, Rosário e Lopes (2019) cunharam o termo *construcionalidade*, de modo a permitir um trabalho estritamente sincrônico, a partir de categorias, parâmetros e princípios propostos pelos autores construcionistas anteriormente citados. Assim se define construcionalidade:

⁴ Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions cognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

Relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática. (ROSÁRIO; LOPES, 2019, p. 92)

No âmbito da LFCU, este artigo filia-se à perspectiva da construcionalidade, pois se centra metodologicamente em uma análise de recorte sincrônico, sem lançar mão de dados históricos. A construcionalidade está fundada no corpo de conhecimentos teóricos produzidos por Traugott e Trousdale (2013), apropriando-se de conceitos originalmente desenvolvidos para o tratamento da diacronia.

Dentre os muitos pontos desenvolvidos pelos autores citados, neste trabalho, destacamos o conceito de composicionalidade (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19), que está associada ao grau de transparência entre forma e significado das diversas construções. Se uma construção é bastante composicional, isso significa que há grande transparência entre os elementos que a compõem e baixa opacidade, ou seja, seu significado é próximo ao significado da soma das suas partes. Por outro lado, a perda de composicionalidade pode levar ao processo cognitivo de *chunking*, por meio do qual agrupamos e conceptualizamos unidades ou partes como um todo mais global, formando *chunks*, como é o caso das frases feitas, por exemplo.

Essa noção de composicionalidade é gradiente, de modo que as construções podem variar em diferentes níveis de opacidade. Retomando Goldberg (2006), reiteramos que nem sempre as construções são totalmente destituídas de composicionalidade. A frequência de um determinado uso pode funcionar, de fato, como um indício de que uma expressão é uma construção (pareamento de forma e significado) na língua, mesmo que suas subpartes ainda sejam parcialmente recuperadas em termos sintáticos e/ou semânticos.

Na formação de novas construções, também é muito comum o fenômeno da *neoanálise*, que consiste em uma ãnova análiseö de uma estrutura recém-criada (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21). As neoanálises podem ocorrer tanto no plano da forma (neoanálise sintática) quanto no plano do conteúdo (neoanálise semântica), como será demonstrado empiricamente adiante.

Por fim, um último conceito bastante central para este trabalho é o de expansão, que está sempre intimamente relacionado à mudança linguística e às polissemias atestadas

sincronicamente. Himmelmann (2004) apresenta um refinamento desse conceito, apresentando-o em três diferentes dimensões:

a) *mudança da classe hospedeira*, com a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, em face da entrada de novo membro na classe; b) *mudança de contexto sintático*, envolvendo metonimização, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e consequente formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) *mudança de contexto semântico-pragmático*, considerada por Himmelmann (2004) como a mais importante, uma vez que envolve desbotamento de sentido, com ressemantização e uso anafórico associativo. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 238)

Em termos metodológicos, a LFCU sempre trabalha com dados de língua real, compreendidos como usos flagrados em situações naturais de comunicação. Assim, toda pesquisa está sempre baseada em análise de *corpus*.

Como citado na introdução, para esta pesquisa, selecionamos um *corpus* sincrônico, representativo do português brasileiro do século XXI. O *site Corpus do Português*⁵, em sua versão mais atual (2015-2016), constitui a fonte de captação dos dados desta pesquisa. No total, foram coletados 100 *tokens* de *õmas olhaõ* na função de construção conectora contrastiva. Como este trabalho é de natureza eminentemente qualitativa, esses dados foram considerados suficientes para a análise empreendida.

O gênero discursivo que caracteriza o *corpus* de análise é o *blogue*. Justificamos essas escolhas pelo fato de *õmas olhaõ* ser uma construção conectora ainda bastante marcada pela informalidade. Assim, certamente a construção em estudo não teria frequência considerável em textos mais formais, o que é uma questão a ser investigada mais pormenorizadamente em desdobramentos futuros desta pesquisa.

Feitas essas observações de cunho teórico-metodológico, passamos à análise do conceito de coesão e seu efeito no texto. Essa etapa será fundamental para compreendermos melhor como se estrutura a construção conectora *õmas olhaõ*, responsável por estabelecer relações coesivas contrastivas no plano discursivo.

⁵ O *site Corpus do Português* pode ser acessado por meio do endereço eletrônico www.corpusdoportugues.org/x.asp.

O efeito de coesão

O conceito de coesão tem sido trabalhado por diversas vertentes, com especial foco na Linguística Textual. Por esse motivo, selecionamos importantes autores dessa linha teórica para desenvolver este tópico. Iniciamos esta seção com Marcuschi (2012). Em seguida, trazemos a visão de Koch (2009; 2013) e, por último, o trabalho realizado por Halliday e Hasan (1976).

Em Marcuschi (2012), o efeito de coesão, também chamado de conexão sequencial, é apontado como um fator constitutivo da textualidade. Para o autor, esses fatores dão conta da estruturação da sequência superficial do texto (MARCUSCHI, 2012, p. 50). Vejamos a aplicabilidade desse conceito a partir de um dado de língua real:

(2) Antes de mais nada, queria esclarecer uma coisa: é claro que eu confio em o seu taco. Eu sei que você é um cara experiente, bom de cama, cê é foda, na cama cê esculacha, na sala ou no quarto, cê é sinistro etc etc etc.. Quem sou eu pra vir dar pitaco na sua arte de passar o rodo nas meninas, né? **Mas olha...** Eu tenho a seguinte teoria: algumas coisas na vida jamais serão excessivas. Inclua aí nessa lista dinheiro, bons amigos, conhecimento, almoço na casa da vó, saúde e peitos. Eu até incluiria aí na lista a cerveja, mas lembrei do povo depressivo nas reuniões do AA e mudei de ideia. (Fonte:

http://www.areah.com.br/colunas/geral/coluna/10394/1/pagina_1/dez-movimentos-do-cara-bom-de-cama.aspx. Acesso em 10/05/2020)

A coesão é um fator que depende do modo organizacional da superfície do texto. Sintaticamente, a estruturação de “Quem sou eu pra vir dar pitaco na sua arte de passar o rodo nas meninas, né?”, que antecede “mas olha”, é constituída de uma sequência substantiva interrogativa ou interrogativa de instanciação, nos termos de Azeredo (1990, p. 71-72). Após o uso de “mas olha”, o falante utiliza uma sequência transitiva direta (“Eu tenho a seguinte teoria”), encadeada por sequência predicativa (“algumas coisas na vida jamais serão excessivas”). Entre essas duas partes citadas, “mas olha” encontra-se autônomo, no sentido de não fazer parte da predicação de nenhuma das porções ligadas, visto que é externo a elas.

Em outras palavras, não é possível resgatar um sentido totalmente composicional de “mas” e de “olha”, tomados individualmente. Também não é possível defender que esses elementos estejam estruturalmente preservados em seus aspectos sintáticos canônicos. Em termos formais e funcionais, não há mais uma conjunção coordenativa sindética adversativa

ao lado de um verbo perceptivo-visual transitivo. Esses elementos, de fato, sofreram neoanálise, tanto em termos de forma como de significado.

Esse comportamento sintático-semântico de *õmas olhaõ* ratifica a proposição de que esse conector é marginal ou não canônico. Afinal, não integra relações sintáticas típicas como a que se observa na combinação de orações subordinativas ou coordenativas do tradicional período composto. Ao contrário, a relação coesiva que esse elemento estabelece se dá no âmbito da chamada sintaxe textual ou macrossintaxe, podendo haver grande autonomia dos elementos ligados, como se observou em (2).

Para Koch (2009, p. 35), coesão é a forma como *õos* elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um *tecidoõ* (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamenteõ. Logo, a coesão está implicada em relações de conexão mais amplas que as tradicionalmente descritas pelas gramáticas normativas.

Koch (2009; 2013) acrescenta que os mecanismos de coesão pertencem a dois grandes grupos: a coesão referencial (aquela em que os elementos da superfície textual se correferenciam) e a coesão sequencial (que garante a continuidade do sentido). Quanto à coesão sequencial, Koch (2013, p. 53) a define dessa forma: [...] procedimento linguístico por meio do qual se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

Fica claro que o conceito de coesão sequencial (cf. KOCH, 2009; 2013) é bem semelhante ao de conexão sequencial (cf. MARCUSCHI, 2012). Vejamos mais um dado:

(3) [...] mas aqui eu tenho um filho que estuda em uma escola publica de qualidade o dia todo, eu não pago um centavo por ela, tenho condições de conhecer Paris (inclusive levei meu filho em a Disney de Paris) Grécia, Dinamarca, Alemanha, enfim, aqui tudo é perto e mais barato para se viajar, aqui pobre e rico pode desfrutar de comer caviar, as diferenças sociais, por enquanto, são menos do que em o Brasil, **mas olha**, envelhecer na Europa, aí é onde está o meu ponto, NAO (para mim) só tenho um filho, aqui as famílias mandam os filhos embora de a casa logo cedo, os laços familiares não são tão entrelaçados como a nossa quente cultura. Eu nem quero me imaginar aqui em uma casa de velhos, ou mesmo dentro de a minha própria casa, com 70 ou mais de idade, neste frio, sem amigos [...],
(Fonte: <http://www.coisaparecida.com/2011/07/por-que-e-tao-dificil-ter-vontade-de-voltar-a-viver-no-brasil/>. Acesso em 10/05/2020)

Em (3), *õmas olhaõ* cumpre a função de marcar o discurso, direcionando a atenção do falante para a informação que será veiculada a seguir. De uma forma bem ampla, o excerto acima pode ser dividido em duas grandes partes. Na primeira parte, o enunciador apresenta as vantagens de morar na Europa. Na segunda parte, a partir de *õmas olhaõ*, apresentam-se os pontos negativos dessa escolha, tendo seu foco na questão do envelhecimento. Assim, fica bastante claro o papel da construção conectora contrastiva ao cumprir a função de realizar a integração de duas informações em nível mais macro, no plano discursivo. Por meio de *õmas olhaõ*, o falante consegue organizar a informação em dois blocos que se unem pelo viés do contraste. Esse arranjo discursivo é possibilitado justamente por meio de um mecanismo de coesão sequencial (cf. KOCH, 2009; 2013).

Halliday e Hasan (1976) indicam que ocorre coesão quando ãa interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe ao outro, no sentido de que um não pode ser decodificado exceto pelo recurso do outro.õ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4)⁶. Vejamos esse conceito aplicado a mais um dado:

(4) Para poder fazer a especialização de medicina e de Geriatria você vai precisar fazer: Medicina > Clínica Médica > Geriatria. Não vou mentir, o vestibular de medicina realmente é bem difícil, em geral, é o mais concorrido nas faculdades onde ele existe. Em relação ao custo de uma faculdade particular de medicina é em média de R\$ 2500,00 fora a moradia e a duração é de 8 anos (6 anos de medicina e 2 anos de residência). **Mas olha**, não desista não viu!! Se você quer fazer medicina, só tem um jeito: estudar e batalhar os vestibulares, é difícil, mas vale a pena. Boa sorte!! Estes dois ramos de a medicina realmente são bem interessantes. Em relação a dificuldade, Cirurgia Plástica é mais difícil, exige uma maior precisão e também um certo senso artístico. Já em a cirurgia geral, o caso é mais variado, você atendendo diversos tipos de pacientes.

(Fonte: <http://www.guiadacarreira.com.br/artigos/profissao/carreira-medicina/>. Acesso em 10/05/2020)

No exemplo (4), observamos que *õmas olhaõ* sinaliza para o ouvinte que o falante apresentará, logo em seguida, uma informação em uma orientação discursiva oposta à apresentada anteriormente. Isso é possível, como já vimos, porque a construção *õmas olhaõ* expressa sentido contrastivo, agregando-se ao plano contextual do discurso.

⁶ *õ*Cohesion occurs where the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another. The one PRESSUPOSES the other, in the sense that it cannot be effectively decoded except by recourse to it.õ [tradução nossa] (HALLIDAY and HASAN, 1976, p. 4).

Vale reiterar que o sentido de contraste não é inteiramente satisfeito só com o uso de *õmas olhaõ*. A sequência textual posterior a esse conector (*õnão desista não viu!!õ*) indexa ao contexto uma reorientação discursiva, no sentido de animar o interlocutor quanto à carreira médica, apesar de todas as suas dificuldades. O recrutamento da construção conectora contrastiva facilita essa transição de sentidos, desencadeando um efeito de coesão para o discurso.

Com o uso desse exemplo (4), fica ainda mais claro que o efeito de coesão contrastiva se dá, de fato, no nível proposicional ou discursivo. Essas relações macrossintáticas, por natureza, extrapolam o nível mais básico e tradicional do período composto.

Em síntese, nos dados (1), (2), (3) e (4), *õmas olhaõ* não apenas desempenha o papel de marcador discursivo, mas também a função de conectar proposições ou sequências discursivas em nível macro, por meio de relações coesivas contrastivas. Percorrida essa trajetória de análise, já podemos sumarizar as propriedades principais desse conector na próxima seção deste artigo.

A construção conectora *õmas olhaõ*

A constituição simbólica de *õmas olhaõ* não é o mero resultado da soma de suas partes, ou seja, não se trata de uma conjunção coordenativa adversativa *õmasõ* justaposta a uma determinada flexão do verbo *õolharõ*. Ao contrário, esses dois elementos são produto de neanálise, tanto em termos sintáticos como semânticos. Vejamos mais um dado de língua em uso para provar essa asserção.

(5) Acho que fofinho só os que aparecem em filmes mesmo, todos limpinhos, rosinhas e pequeninos... hahaha! Ahahaha, adorei! Nunca tinha ouvido falar em Iômere, haha, e olha que sou de Santa Catarina. E nunca vi um porco assim gigante, queria ver! E quando você vê no zoológico os porcos são mais tipo Babe:) hahahaha bizarro! **Mas olha**, se isso te serve de consolo, porcos normais não são desse jeito. Estão muito mais pra Babes do que pra essa coisa alienígena. Claro, não são tão cor-de-rosas e bonitinhos, mas definitivamente não são bizarramente gigantes. (Fonte: <http://blog.beyond-obvious.net/o-dia-em-que-eu-vi-o-porco/>. Acesso em 10/05/2020)

O uso de *õmas olhaö*, em (5), prepara o ouvinte para uma proposição que se opõe a outra proposição estabelecida anteriormente no discurso. A continuidade do tema é sustentada por argumentos que se dispõem em sentidos contrastivos e, nesse contexto, o uso de *õmas olhaö* coopera para a coesão dos sentidos negociados. Assim, as informações apresentadas inicialmente no discurso, opostas às posteriores, não causam estranheza ao ouvinte/leitor.

A construção conectora *õmas olhaö*, como já foi salientado, é constituída de duas subpartes. A primeira subparte é formada originalmente pela conjunção *õmasö*, que tem função mais gramatical. A segunda subparte, por sua vez, é formada por um verbo de percepção visual, *õolhaö*, reconfigurado metaforicamente para uma atividade de projeção mental.

Em termos semânticos, o *õmasö* já não mais se restringe a marcar adversidade. Funcionalmente expande seu sentido, marcando relações discursivas no nível do *modus*. Em termos sintáticos, *õmasö* já não conecta sentenças no âmbito do tradicional período composto por coordenação, formado por uma coordenante e uma coordenada. Ao contrário, em termos macrossintáticos, apresenta-se mais *õfrouxoö*, ocupando um lugar menos rígido no encadeamento discursivo.

Em termos semânticos, o *õolhaö* já não consiste em *õenxergarö*, *õverö* algo físico na cena. Ao contrário, em *õmas olhaö*, o termo *õolhaö* é tomado em um sentido mais abstrato e virtual, via projeção metafórica, colaborando na construção para uma espécie de chamamento ou convite, em termos de tentar captar a atenção do leitor ou interlocutor. Assim, de um uso perceptivo-visual, *õolhaö* passa a ser usado com sentido perceptivo-mental. Em termos sintáticos, *õolhaö* já não é mais um verbo transitivo direto canônico, pois passa a ocorrer no contexto sem complemento. Além disso, fixa sua forma no imperativo, admitindo variação mínima, visto que os dados só demonstraram o uso de *õmas olheö* ou *õmas olhemö*.

Portanto, *õmas olhaö* já não revela um uso totalmente composicional. Ao contrário, indica um *chunk*. Afinal, quando *mas* e *olha* coocorrem no discurso, ambos os elementos são neoanalisados e passam a funcionar como uma única unidade de forma e sentido, ou seja, uma nova construção na rede dos conectores do português. Assim, *õmas olhaö* já não é mais processado cognitivamente como se fosse uma conjunção mais um verbo, mas como uma construção conectora que estabelece relações coesivas contrastivas no plano discursivo.

Assim, por meio de mudanças de contexto sintático e de contexto semântico-pragmático, nos termos de Himmelmann (2004), ocorre também uma verdadeira mudança de

classe hospedeira, tendo em vista que a categoria dos conectores contrastivos amplia-se para abrigar *õmas olhaõ*, mesmo que de maneira um pouco marginal, tendo em vista suas propriedades já elencadas.

É verdade que, na literatura levantada, constatamos que tanto *õmasõ* quanto *õolhaõ* já são recrutados como MD em usos isolados no português. Urbano (1999), por exemplo, ao salientar aspectos interacionais, aponta a polifuncionalidade do marcador discursivo *mas*, que acumula funções de sequenciador tópico e orientador da interação. Ainda nas palavras desse autor, *mas* é recrutado para apoiar tomada de turno com intuito de estabelecer contra-argumentação ou para *õengatar* uma digressão opinativaõ (URBANO, 1999, p. 217). Risso et al (2002) também destacam que *mas*, na função de marcador discursivo, carrega a tendência de transparecer o seu sentido gramatical original, o que também se coaduna com a indicação de Schiffrin (1987, p. 128).

Os estudos de Marcuschi (1986), Urbano (1999), Risso (1999) e Risso *et al* (2002; 2015) identificam o elemento *olha* como marcador discursivo de base verbal. Em estudos mais recentes, Martins (2013) e Sambrana (2017) também atestam a macrofunção de *olha* como um marcador de chamamento de atenção que veicula funções textual-interativas e discursivo-pragmáticas. Isso se deve ao fato de a conceptualização do sentido original estar vinculada à captação da atenção. De fato, *olha* passa por um processo de expansão semântico-pragmática articulando sentidos cada vez mais intersubjetivos e afastados de sua configuração composicional original.

Assim, sem dúvida, a construção *õmas olhaõ* carrega, por efeito de persistência⁷, sentidos de seus usos anteriores, que já atuavam e atuam na marcação discursiva. Por outro lado, *õmas olhaõ*, como vimos argumentando, não é sintática nem semanticamente a mera soma dessas duas partes, visto que cada uso (*õmasõ*, *õolhaõ* e *õmas olhaõ*) cumpre uma função distinta no discurso. Ademais, o efeito de persistência flagrado em *õmas olhaõ* não invalida a defesa de seu estatuto construcional. Afinal, como afirma Goldberg (2006), até padrões armazenados *õtotalmente previsíveisõ* ou com algum nível de transparência semântico-pragmática são construções, e não só aqueles não composicionais.

No esquema a seguir, é possível sintetizar as propriedades de *õmas olhaõ*, a partir das neoanálises (sintática e semântica) flagradas na composição dessa construção conectora

⁷ Consideramos como efeito de persistência os traços originais de sentido lexical carregados por usos mais abstratizados, ou mais gramaticais, (conf. HOPPER, 1991, p.22).

contrastiva. Como se verá, de fato, esses elementos (õmasö) e (õolhaö) já não conservam suas propriedades mais prototípicas. Vejamos:

mas		olha	
Nível sintático	Nível semântico	Nível sintático	Nível semântico
Não conecta apenas sentenças no âmbito do tradicional período composto por coordenação, formado por uma oração coordenante e uma oração coordenada. Ao contrário, em uma verdadeira macrossintaxe do discurso, apresenta-se mais õfrouxoö, ocupando diversas posições.	Não mais se restringe a marcar adversidade. Funcionalmente expande seu sentido, marcando relações discursivas no nível do <i>modus</i> .	Não é mais um verbo transitivo direto canônico, pois passa a ocorrer no contexto sem complemento verbal. Além disso, fixa sua forma no imperativo, admitindo variação mínima, visto que os dados só atestaram o uso de õmas olheö ou õmas olhemö.	Não consiste em õenxergarö, õverö algo físico na cena. Ao contrário, é tomado em um sentido mais abstrato e virtual, via projeção metafórica, colaborando na construção para uma espécie de chamamento ou convite, em termos de tentar captar a atenção do leitor ou interlocutor. De uso perceptivo-visual, passa a um sentido õperceptivo-mentalö



[mas olha] conector	
Polo formal	Polo funcional
Conector que atua no nível discursivo, ligando porções diversas, especialmente no nível da macrossintaxe discursiva. Constitui um <i>chunk</i> , com perda de composicionalidade sintática.	Significado contrastivo. Opõe diferentes pontos de vista ou informações, especialmente em situações de maior informalidade. Sofreu neanálise semântica com relação aos seus constituintes.

Figura 1: Esquema da formação e dos traços da construção conectora õmas olhaö

Fonte: (elaboração dos autores)

As mudanças ocorridas em õmasö e em õolhaö permitem postular que, de fato, õmas olhaö é uma nova construção na língua, mesmo que a investigação tenha sido conduzida em recorte sincrônico, sem acesso a dados históricos. Afinal, como postulam Rosário e Lopes (2019), a construcionalidade permite atestar as (re)configurações de uma dada rede linguística mesmo quando há apenas suporte em dados sincrônicos, visto que o estado atual do sistema normalmente espelha os movimentos históricos desenvolvidos ao longo do tempo. Essa é a razão para a convivência de camadas distintas em uma mesma sincronia. Com base no objeto de investigação deste artigo, a construcionalidade mostra que usos mais clássicos de õmasö e de õolhaö convivem com seus usos mais contemporâneos, baseados em novos arranjos sintáticos e semântico-pragmáticos, como é o caso da construção conectora contrastiva õmas olhaö.

Frisamos que as mudanças de sentido são acompanhadas de claras mudanças de forma, pois há perda das fronteiras sintáticas e recategorizações. Seguindo a visão de Traugott e Trousdale (2013), podemos representar a construção em estudo da seguinte maneira:

[[mas] _{conjunção} + [olha] _{verbo perceptivo-visual}] [mas olha] _{conector}

Figura 2: Formação da construção conectora opositiva õmas olhaö

Fonte: (elaboração dos autores)

No novo pareamento de forma e sentido [mas olha]_{conector}, há reconfiguração dos elementos presentes em [[mas]_{conjunção} + [olha]_{verbo perceptivo-visual}]. Afinal, na construção conectora contrastiva õmas olhaö, entra em cena um elemento de natureza coesiva que tem o objetivo de projetar o espaço atencional do ouvinte ou leitor para uma oposição entre proposição A e proposição B, especialmente no nível do *modus*.

Antes de concluirmos esta seção, vale destacar a defesa de Rodríguez (2017) com relação a algumas áreas da gramática. Para a autora, elementos periféricos e limítrofes da gramática, como os marcadores discursivos e alguns conectores marginais, são costumeiramente olvidados, haja vista a tendência de conferir tratamento analítico apenas a construções e usos mais centrais da gramática. Com isso, estruturas não canônicas costumam ser relegadas uma espécie de õlimboö devido a sua não prototipicidade. Esse parece ser o caso de õmas olhaö.

Considerações finais

A macrossintaxe discursiva é um campo de trabalho que ainda demanda muitas investigações. De fato, grande parte dos estudos no campo da conexão ainda estão muito focados no âmbito do tradicional período composto. Com isso, por força da Tradição gramatical, há muitas esferas de organização discursiva sem a devida descrição no campo dos estudos linguísticos.

A investigação de õmas olhaö representa um desses pontos ainda pouco desbravados. O comportamento sintático-semântico desse conector em língua portuguesa atesta sua produtividade e relevância no plano das relações contrastivas. Assim, apesar de marginal,

pode ser considerado um novo nó na rede das relações contrastivas em construções mais complexas que o tradicional período composto.

No novo nó da rede da conexão contrastiva consubstanciado por [mas olha]_{conector}, há recategorização dos elementos [mas]_{conjunção} e [olha]_{verbo perceptivo-visual}. Afinal, a construção conectora contrastiva *õmas olhaõ* é um *chunk* de natureza coesiva cujo objetivo é projetar o espaço atencional do ouvinte ou leitor para uma oposição entre duas partes, especialmente no nível do *modus*.

Dessa forma, atestamos uma mudança na classe hospedeira, que decorre da conjugação de uma mudança sintática tanto em *õmasõ* quanto em *õolhaõ*, visto que ambos os elementos são rearranjados em termos colocacionais. Concomitantemente, também se verifica uma mudança semântico-pragmática que afeta ambos os elementos, como se demonstrou por meio do quadro 1 da seção anterior.

Em síntese, na perspectiva da LFCU, *õmas olhaõ*, à luz dos argumentos apresentados, é, de fato, uma nova construção, formada por neoanálises sintática e semântica. Devido às suas características, é um conector não prototípico, tendo em vista seu sentido mais lato, profundamente associado a questões de ordem discursiva. Entretanto, apesar de sua não prototipicidade, ainda assim demanda a atenção dos pesquisadores e requer pesquisas ainda mais aprofundadas, tendo em vista que o cenário das pesquisas nessa área ainda é bastante incipiente. *Mas olha...* Este artigo é uma primeira incursão nessa seara.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CROFT, Willian. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In:*

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Hong Kong: Longman, 1976.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, HILMELMANN & WIEMER (ed.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, Paul. On the principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, vol. 1, 1991, p. 17-35.

KOCH, Ingedore V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, 2012.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, J. Los marcadores discursivos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva del español*. Madrid: Espasa, vol. 3, 1999.

MARTINS, Lauriê Ferreira. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. 2013. 245f. Dissertação (Mestrado em Linguística) ó Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; SAMBRANA, Vânia Rosana Mattos. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. In: *Confluência*, v. 1, p. 327-349, 2018. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/252>

RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado. In: NEVES, M^a. Helena de Moura. *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: UNICAMP, v. VII, 1999, p. 259-298.

_____. Marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, v. 1, 2015, p. 371-481.

_____; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore V. (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, v. VI, 2002, p. 21-57.

RODRÍGUEZ, Catalina F. Macrosintaxis y lingüística pragmática. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, Sevilha: CLAC 71, p. 5-34, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/CLAC.57301>. Acesso em: 02 ago. 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. In: *Soletras*, v. 37, p. 83-102, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/36318>

_____; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

SAMBRANA, Vânia Rosana Mattos. A Construção Marcadora Discursiva Perceptivo-visual Vpv(x)MD. VIII Seminário dos Alunos dos programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF - Estudos de Linguagem, 2017, Niterói. *Anais do VIII Seminário dos Alunos dos programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF- Estudos de Linguagem*. Niterói: Letras da UFF, 2017. v. 1. p. 928-940. Disponível em <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Ling>

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SOUZA, T. B. *Conectivos coordenativos portugueses: por um estudo do sentido no universo textual*. 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2008.

TRAUGOTT, E. Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M^a Helena de Moura (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, v. VII, 1999, p. 195-258.

Functional analysis of the contrastive connective construction *ômas olhaö*

Abstract: This paper aims to investigate the use of the connective construction *ômas olhaö* (ôbut lookö), in the scope of discursive relations in contemporary Portuguese. Based on the theoretical-methodological assumptions of Functional Usage-Based Linguistics, articulated to the Construction Grammar and the studies on cohesion, we analyze occurrences of the connector *ômas olhaö* through the prism of constructionality, in synchronic perspective, as demonstrated by Rosário and Lopes (2019). The data is collected from 21st century Brazilian blogs. Through qualitative methodology, the

analysis of usage contexts allows the conclusion that this connective construction was formed by chunking, and by syntactic and semantic neoanalysis of two conventionalized discursive markers. In Portuguese, *õmas olhaõ* reveals itself as a marginal connective, considering its properties of use in the context of macrosyntactic relations, which go beyond the scope of the traditional complex sentence. In functional terms, it acts in the sequential cohesion between propositions in the field of contrasting relations, especially at the *modus* level.

Keywords: Functional Usage-Based Linguistics. Contrastive connective construction. *Mas olha* (But look)

Recebido em: 04 de setembro de 2020.

Aceito em: 10 de dezembro de 2020.